A CRISTOLOGIA DO EVANGELHO SEGUNDO MARCOS

José Comblin

A boa notícia do Evangelho segundo Marcos é que Jesus é o Messias, o Filho de Deus (1,1). O livro foi escrito para publicar esta notícia.

Precisava escrever um livro para anunciar essa notícia? Não bastava uma simples proclamação? Na realidade era tão difícil acreditar nessa notícia para os judeus como para os gregos. Era tão difícil nessa época como hoje em dia para todos os povos que nunca fizeram parte da cristandade.

Como um simples camponês que viveu num canto perdido do mundo, longe de todas as grandes civilizações, um homem que nada escreveu e não deixou nenhum monumento do seu agir, um homem que somente falava o seu dialeto local, que somente exerceu uma certa liderança no meio de um punhado de pessoas tão ignorantes como ele, e, depois de poucos meses, foi condenado à morte pelas autoridades e morreu crucificado como um delinqüente qualquer, totalmente desconhecido pelos seus contemporâneos, como esse homem pode ser o Filho único de Deus, a encarnação única de Deus na humanidade, o salvador único de todos os povos?

Houve e ainda há tantos seres humanos, homens e mulheres, sábios, santos, instruídos, cheios de virtudes, como Sócrates, Buda, Zoroastro, Confúcio e tantos outros que iluminaram civilizações inteiras. Nenhum deles seria o Messias, o Filho de Deus? Hoje em dia, sobretudo nas antigas civilizações da Ásia, tal afirmação parece escandalosa, quase blasfematória. Como, então, imaginar que o Deus criador do universo se encarnaria somente nesse camponês da Galiléia, donde nunca tinha saído nada de valor de acordo com o dizer de um discípulo de Jesus?

Todos teriam esperado que, se houvesse um só Messias para o mundo inteiro, ele seria pelo menos uma pessoa dotada das mais eminentes qualidades, um ser humano maravilhoso que recapitularia em si mesmo todas as grandezas humanas.

A notícia publicada pelo Evangelho segundo Marcos compromete a própria concepção de Deus. Se Deus pretende manifestar-se aos homens, todos esperavam e ainda esperariam que manifestasse os seus atributos de grandeza, força, poder, alguma coisa que provocasse estupor, admiração, fascinação, inclusive um medo reverencial. Nada disso aconteceu. Por isso mesmo todos os sábios, todas as autoridades, os doutores instruídos na religião se negaram a reconhecer nele o Messias. Para eles seria um absurdo reconhecer em Jesus o revelador, mais ainda, o próprio Filho de Deus, igual a ele. Trataram essa afirmação como pura ilusão de pessoas sem instrução.

1. A humanidade de Jesus

O segundo Evangelho é o que mais claramente sublinha o ser humano de Jesus. Mostra que Jesus sente e expressa os mesmos sentimentos de cada criatura humana. Os Evangelhos seguintes vão, pouco a pouco, sacralizar a figura de Jesus, silenciando tudo o que o torna semelhante a nós, como se a sua humanidade fosse mais formal, mais convencional, como a humanidade de alguém que faria um papel de homem num teatro. Jesus manifesta indignação (1,41.43), tem compaixão (6,34; 8,2). Jesus fica zangado (10,14), expressa ira e tristeza (3,5), experimenta estupor (6,6), olha com simpatia (10,21), suspira (7,34), fica desiludido (8,12). Teve que perguntar sobre o que os discípulos estavam falando (9,16.33). Sentiu o medo da morte (14,33) e no momento da morte deu um grito que parecia de desespero (15,34).

Marcos insiste em que Jesus era de Nazaré, povoado insignificante (1,24; 14,67; 16,6), era o carpinteiro, filho de Maria (6,3), que era considerado como "rabi" (4 vezes) ou como "doutor" (12 vezes) ou como profeta (6,15; 8,28).

Nada disso poderia convencer alguém de que Jesus era o Messias. Se considerarmos o seu relacionamento social, menos razões ainda para ver nele o Messias. Era surpreendente que Jesus estivesse sempre do lado dos pobres, dos que choram, dos que passam fome, dos fracassados, dos impotentes, dos insignificantes. Era imperdoável que se misturasse com os pecadores, os publicanos, pessoas socialmente condenadas e mantidas à distância. Tudo o que estava à margem da sociedade forma a companhia de Jesus. Era escandaloso e, como era de se prever, provocou a indignação e a condenação das autoridades, dos doutores, dos fariseus, dos sacerdotes.

A conduta de Jesus era um visível desprezo da Lei. Como podia ser enviada por Deus uma pessoa que ostensivamente despreza a Lei? Ora, Jesus não somente não aceitou as repreensões das autoridades, mas tomou atitudes de provocação, desafiando as mesmas autoridades que o condenavam (7,1-13).

A humanidade de Jesus era tão comum, tão normal, tão semelhante à nossa, tão afastada de qualquer manifestação da divindade, que os seus parentes se escandalizam ao ver as obras que Jesus realiza, como se achassem que Jesus tinha perdido o juízo e desempenhava um papel que não lhe era conveniente (6,1-5). E "Jesus ficou admirado com a falta de fé deles" (6,6).

2. O Messias

A notícia do Evangelho de Marcos é que esse homem Jesus, tão simplesmente humano, era e é o Messias, o libertador do seu povo e da humanidade inteira.

Jesus não será somente o Messias no final dos tempos, segundo o conceito de Filho do Homem do profeta Daniel 7. Jesus não somente foi feito Messias depois da ressurreição. Jesus era o Messias quando estava com os seus discípulos, andando pelos caminhos da Galiléia. Ninguém em Israel tinha imaginado semelhante Messias. Tudo nele parecia contradizer a messianidade.

É verdade que havia os milagres, sobretudo as expulsões de demônios e a cura de diversas doenças. Com certeza, na narração dos milagres entraram elementos lendários, como acontece com todos os taumaturgos. No entanto, os Evangelhos seriam inexplicáveis se Jesus não tivesse feito milagres, mesmo se mais tarde a lenda lhe acrescentou mais beleza, mais maravilhas.

Por sinal, naquele tempo os milagres não eram tão excepcionais. Havia muitas narrações de milagres em todas as religiões. Ainda hoje inúmeros são os milagres. Basta fazer a conta dos agradecimentos que se amontoam aos milhares em todos os santuários. Quantos milagres em Canindé, Ipojuca, Bom Jesus da Lapa, Aparecida! Quantos milagres do padre Cícero, em Juazeiro do Norte! E quantos milagres atribuídos aos Santos: milagres de Santo Antônio, Santa Rita, Santa Teresinha, São Severino, Santo Expedito e, naturalmente, todos os milagres de Nossa Senhora sob as suas inúmeras invocações.

Quase todas as pessoas podem contar milagres que aconteceram na sua vida. De nenhuma dessas pessoas se dirá que era o Messias. Os milagres significam uma proximidade com Deus, mas não dizem por si só que a pessoa que faz milagres é o Messias. O próprio magistério da Igreja exige que sejam constatados milagres para a beatificação ou a canonização.

Os milagres de Jesus podem ser interpretados como sinais do Messias em virtude do seu contexto. O povo de Israel em geral não os interpretou como sinais de messianidade. Muitos viram neles a prova de que Jesus era um profeta, pois os sinais que fazia se pareciam muito com os sinais de Elias e de Eliseu. Os inimigos de Jesus atribuíram os milagres dele aos demônios; pois era crença comum que os demônios podem fazer milagres e esta crença se manteve até hoje.

Em que sentido os milagres são sinal da presença do Messias e qual a sua finalidade? Pois Jesus faz milagres para manifestar a entrada de um mundo novo, o reino de Deus, e também para manifestar a sua messianidade.

Há este paradoxo no Evangelho segundo Marcos: por um lado, Jesus não quer que se proclame que ele é o Messias. Por outro lado, ele faz sinais para questionar os espectadores e insinuar a sua messianidade. Jesus age para mostrar a sua messianidade e ao mesmo tempo não quer que se publique a notícia abertamente. É o famoso paradoxo do "segredo messiânico" sobre o qual voltaremos a falar mais adiante.

Os sinais de Jesus permanecem ambíguos. Foram feitos para que os incrédulos pudessem justificar a sua incredulidade e os crentes pudessem justificar a sua fé.

O primeiro milagre narrado pelo segundo Evangelho é a expulsão de um espírito mau. Todos ficaram muito espantados e perguntaram uns aos outros: "O que é isso?" (1,23-28). Jesus fez esse sinal para provocar a pergunta. O sinal era um passo na revelação da sua messianidade.

O segundo milagre foi a cura do leproso (1,35-39). Depois da cura, Jesus proibiu que o homem publicasse o que tinha acontecido (1,40-46). Porém, era evidente que o

homem ia publicar o que lhe tinha acontecido. Se Jesus o tinha curado, era exatamente para mostrar que era o Messias. A reação do ex-leproso mostra o resultado que Jesus esperava. Então por que Jesus lhe fez a proibição de falar? Trataremos desse problema mais adiante. Jesus não faz milagres para mostrar a sua potência e provocar aclamações do povo. Os milagres são parte da sua estratégia. Jesus tinha escolhido um modo muito especial de dar a conhecer que era o Messias. Queria convencer os pobres, os ignorantes, e não queria convencer os ricos ou os poderosos, que teriam provocado uma distorção da messianidade. Jesus queria ser o Messias dos pobres e não dos poderosos. Por isso escolheu um caminho aparentemente paradoxal.

Todas as narrações de milagres terminam da mesma maneira. "Todos ficaram admirados" (2,12). Por outro lado, depois dos milagres os fariseus ficam irritadíssimos e planejam a morte de Jesus (3,6).

Desta maneira Marcos explica por que Jesus foi rejeitado tão radicalmente pelas autoridades e aceito pelos pobres e desamparados: Ele mesmo quis que fosse assim. Os seus sinais, os milagres, foram realizados de tal modo que suscitassem a admiração dos pobres e a indignação das autoridades.

Por esse modo de agir, Jesus orientava a mente do povo e dos discípulos para que entendessem de que maneira ele era o Messias. Pois a sua messianidade era algo totalmente inesperado. Ninguém esperava um Messias desse jeito. Todos esperavam que Jesus fosse um Messias-autoridade. Ele era, ao invés, um Messias pobre, sem autoridade sacerdotal, nem intelectual, nem social. Era um Messias que não vinha sentar-se no trono, nem era um comandante de exército, mas vinha como peregrino que anda buscando "as ovelhas perdidas das tribos de Israel".

3. O Filho de Deus

A boa notícia do Evangelho é que Jesus é o Messias e, também, o Filho de Deus.

O título de Filho de Deus pode ter várias aplicações. Todos os batizados são filhos de Deus e, de alguma maneira, todos os filhos de Adão e Eva. "Filho de Deus" pode aplicar-se ao profeta, ao rei, ao sábio. No entanto, se Jesus fosse simplesmente um "filho de Deus" entre muitos outros, a chegada do filho de Deus não seria a boa-notícia do Evangelho.

Com o título de Filho de Deus o Evangelho quer afirmar a divindade de Jesus. Quando Jesus reconheceu diante do Sumo Sacerdote que é Filho de Deus, o Sumo sacerdote rasgou as vestes e disse: "que necessidade temos ainda de testemunhas? Vocês ouviram a blasfêmia!" (14,63). Ora, blasfemar é proclamar-se Deus. Para o Sumo Sacerdote o título Filho de Deus significava Deus. Jesus também sabia muito bem o que significava o título naquela circunstância e reconheceu que era Deus.

A causa da morte de Jesus foi a proclamação da sua divindade. As autoridades de Israel tinham uma concepção da divindade que era incompatível com a proclamação de Jesus. No entanto, se Israel não quis reconhecer que Jesus era Filho de Deus,

a proclamação do centurião romano significava que do meio das nações pagãs viria o reconhecimento: "De fato, esse homem era realmente Filho de Deus" (15,39).

A proclamação de Jesus como Filho de Deus é a subversão de todos os pensamentos, de todos os valores e de todas as religiões. Que Deus é esse que nem sequer é capaz de descer da cruz? "Desça agora da cruz, para que vejamos e acre- ditemos" (15,32), zombam os sacerdotes e os doutores.

Pois, para os sacerdotes e os doutores, assim como para as autoridades de todas as religiões do mundo, o atributo fundamental de Deus é o poder. Deus é antes de mais nada "todo-poderoso". A palavra Deus sugere imediatamente a idéia de poder.

Esta associação é tão forte que na própria Igreja, uma vez que se organizou um culto oficial, uma hierarquia em forma de classe social e um corpo de doutrina, espontaneamente reapareceu a concepção do Deus todo-poderoso. Jesus ensinou que os discípulos deviam dirigir-se a Deus invocando-o como Pai. No entanto, as instituições cristãs invocaram-no com o título de poder: "Senhor Deus todo-poderoso". Assim diz a liturgia oficial e os fiéis deixam-se inspirar pela doutrina oficial mais do que pelas palavras de Jesus.

Como aceitar a idéia de Deus impotente? O Deus de Jesus é impotente diante das autoridades judaicas e romanas. Manifestou-se na vida de um homem que carecia de todas as formas de poder. A segunda parte do evangelho destina-se a fazer com que os leitores aceitem reconhecer essa fraqueza de Deus e que Deus é o contrário de tudo o que os seres humanos pensaram dele.

Deus morreu, Deus não pôde impedir que o matassem. Qual é esse mistério?

Pior ainda: Deus deixou toda liberdade aos pecadores. Deus não reage diante das piores injustiças e Jesus se compraz na companhia dos malfeitores, defende os pecadores contra os justos e ensina que os pecadores estão mais perto de Deus do que os justos que se esgotam para conquistar as virtudes.

Esta atitude de Jesus e, por conseguinte, de Deus, é tão escandalosa que durante todos os séculos de cristandade a Igreja, sobretudo o clero, com a ajuda da teologia oficial, lutou com todo vigor contra o pecado e os pecadores, pensando ser essa a sua missão. Adoravam Jesus nas palavras e lutavam contra ele no agir. Ainda hoje há nostálgicos da cristandade, que, diante dos horríveis pecados que se cometem, gostariam de poder contar com um braço secular para exercer a vingança de Deus: essa vingança que Jesus se negou a exercer.

Sempre houve fiéis discípulos e discípulas de Jesus, provavelmente mais discípulas do que discípulos, para lembrar a verdadeira mensagem do Evangelho. Foram os místicos e as místicas e as pessoas neles inspiradas. Foram quase sempre marginalizados, desacreditados, muitas vezes suspeitos, não poucas vezes perseguidos e mortos (queimados vivos, por exemplo). Foram eles ou elas as testemunhas do Evangelho, enquanto muitos entre os representantes oficiais faziam da Igreja cristã a cúmplice dos poderosos. Lutavam contra os pecados dos pequenos, mas ficavam calados diante dos

pecados dos grandes, pecados que naturalmente eram muito maiores. Colocavam Deus em cima da ordem (desordem) social, econômica, cultural ou política.

O evangelista não podia imaginar tudo o que cristãos, ou pretensos cristãos, fariam com o Evangelho de Jesus. Sabia que já naquele tempo o Evangelho era escandaloso, difícil de se aceitar, sobretudo para as pessoas convencidas, que sabiam como Deus era. Por isso proclamou com toda força o Evangelho de Jesus, Messias e Filho de Deus: o Filho de Deus é Jesus, esse Jesus de quem ele evocava a memória.

4. O caminho do Evangelho

O Evangelho segundo Marcos divide-se em duas partes. A primeira parte termina na confissão da messianidade de Jesus por Pedro (8,27-29). O título do livro dizia "Evangelho de Jesus como Messias e Filho de Deus". Toda a primeira parte recolhe diversos documentos escritos e orais que o autor tinha à sua disposição, para mostrar de que maneira Jesus preparou a revelação da sua messianidade.

Parte desta revelação é constituída pelos milagres, expulsões de demônios, curas, milagres da natureza. Por um lado, Jesus proíbe que se proclame a sua messianidade. Os demônios, que sabem quem é Jesus, não podem proclamar quem ele é. Uma vez curados, os doentes não podem comunicar o que aconteceu nem celebrar o fato maravilhoso. Por outro lado, Jesus fez tudo para provocar perguntas, curiosidade, reconhecimento de algo misterioso.

Afinal Jesus quer mostrar que é o Messias, mas não quer que se publique. Não quer que todos publiquem que chegou o Messias, mas quer que os discípulos saibam. Tudo foi feito para fortalecer nos discípulos a convicção de que ele era o Messias. Foi o que conseguiu, finalmente, com a confissão de Pedro.

O comportamento paradoxal de Jesus foi muito discutido e constitui um problema exegético tradicional. Deram a esse problema o nome de "segredo messiânico". Perguntaram-se por que, no segundo Evangelho, Jesus quer esconder a sua realidade?

Alguns acharam que o segredo se explicaria pela perplexidade do redator do Evangelho. Pelas suas fontes ele saberia que Jesus não se declarou como Messias e, possivelmente, não sabia que era o Messias. A messianidade de Jesus teria sido proclamação e descoberta dos discípulos, depois da ressurreição.

No entanto, o texto da confissão de Pedro e a declaração diante do Sumo Sacerdote mostram que Jesus sabia muito bem que era o Messias.

Esses exegetas acham que o segredo teria sido inventado para explicar por que Jesus nunca teria dito que era o Messias. Segundo eles, Jesus não disse porque não sabia. Porém, Marcos não podia imaginar que Jesus não soubesse. Então inventa que Jesus quis esconder a sua messianidade.

Esta teoria é insustentável porque o próprio texto mostra que Jesus não queria esconder a sua messianidade: queria manifestá-la, porém de tal modo que somente os discípulos entendessem.

BIBLIOTECA

Outros reconhecem que Jesus sabia que era o Messias, mas quis esconder-se. Por quê? Uns acham que Jesus proibiu dar-lhe o título de Messias para evitar as confusões. Entre os judeus, naquele tempo, muitos esperavam um Messias que fosse um novo Davi, um chefe capaz de restaurar a independência política de Israel; outros achavam que seria um ente celestial descendo do céu para julgar o mundo.

Outros acham que Jesus escondeu a sua messianidade para não entrar em contradição com as autoridades judaicas. Porém, o texto mostra que houve conflito desde o início e que, em lugar de fugir do conflito, Jesus o provocou.

Outros acham que Jesus quis esconder-se para não despertar a desconfiança dos romanos que o tomariam por perigoso chefe guerrilheiro, o que no final aconteceu.

Precisamos levar em conta que Jesus se revelou, porém de tal modo que somente os discípulos chegassem a conhecê-lo como realmente era, isto é, como Messias.

A segunda parte do Evangelho começa logo após a confissão de Pedro e vai até o fim do livro. Termina sobretudo pela profissão de fé do centurião romano: "Este homem era mesmo o Filho de Deus" (15,39). A ressurreição é simplesmente a confirmação da fé do centurião.

Nesta segunda parte, Jesus reserva-se aos discípulos a fim de explicar-lhes o que era a sua missão messiânica e como seria a trajetória do Messias.

Tratava-se de inculcar na mente dos discípulos que o Messias devia sofrer e morrer, sofrer a perseguição e ser rejeitado pelas autoridades antes de morrer. Somente depois ressuscitaria e entraria na sua glória.

Marcos não explica por que Jesus deve morrer e como é possível que Deus morra. Não explica como Deus é, para que tudo isso aconteça. Teólogos como Paulo e João procurarão dar explicações. Aqui estamos diante do paradoxo puro, diante do escândalo puro, escândalo para os judeus, loucura para os gregos, como diz S. Paulo.

Este Evangelho é o fundamento, o centro, o significado final do cristianismo. No Evangelho de Jesus, Messias e Filho de Deus, está incluída uma nova concepção de Deus, uma concepção da libertação humana, uma nova concepção do ser humano, uma nova concepção do povo de Deus, uma concepção dos valores humanos e da ética. Se Deus é assim, tudo muda.

A história do cristianismo foi, em grande parte, uma história das infidelidades a esse Evangelho, mas também, em forma mais escondida, uma história das fidelidades. O Evangelho segundo Marcos é sempre novidade, porque é sempre provocação. É sempre denúncia das nossas infidelidades presentes e apelo à conversão, como foi desde o início.

José Comblin
Centro de Formação Missionária
58385-000 Serra Redonda, PB